

ECOS RELEVO

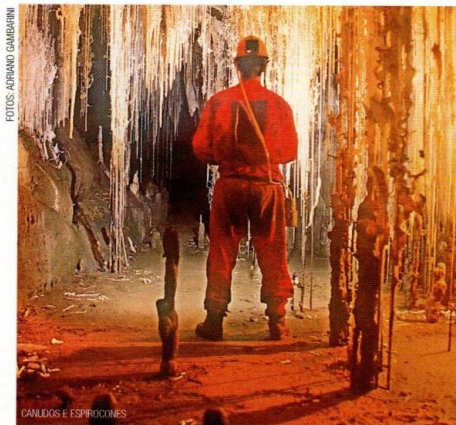
A expressão singular da história, nos marcos da paisagem

Taqueupa

Uma galeria de arte nas entranhas do Bethary

Apenas 5 privilegiados a cada 2 meses têm autorização para ir até um conjunto de galerias muito bem escondidas dentro da caverna Santana, no Vale do Bethary, sul de São Paulo. Trata-se de um prêmio para os espeleólogos - especialistas na exploração de cavernas - em muito boa forma física e com paciência suficiente para esperar a vez, numa fila de até 2 anos. O Taqueupa reúne, em cerca de 800 metros de corredores subterrâneos, uma coleção extraordinária de espeleotemas - formações resultantes de milhares de anos de dissolução e deposição de minerais carregados pela água.

As formas dos espeleotemas dependem da maneira como a água penetra pelas fendas e fissuras das rochas; dos minerais que essa água atravessa e carrega consigo, e do ambiente interior da caverna. Conforme explica o espeleólogo José Antônio Scalete, só em condições muito especiais, de extrema estabilidade das correntes de ar e até da composição da atmosfera interior, é que a natureza esculpe tais obras de arte: canudos pendendo do teto como fios de vidro, espirais, flores, emaranhados, vulcões. Tudo de pedra, tudo tão frágil que até falar alto causa estragos.



FOTOS: ATRIANO GAMBARELLI

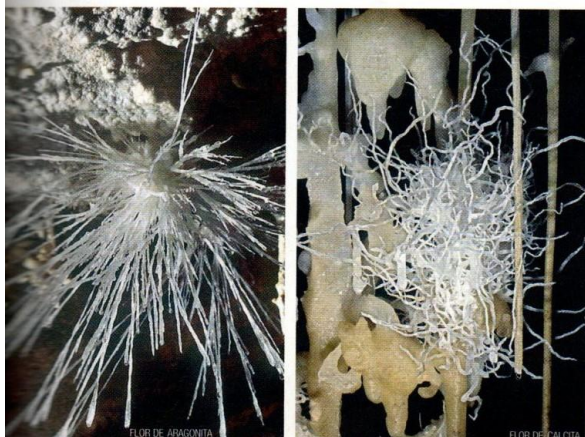
CANUDOS E ESPIRALIZES

Formações semelhantes também existem em outras cavernas do mundo. Mas não tantas, tão concentradas, tão variadas e tão deslumbrantes, razão pela qual o conjunto recebeu esse estranho nome - Taqueupa - derivado do palavrão repetido por seus descobridores, quando primeiro lá puseram os olhos, em 1975. Os nomes das galerias vizinhas também indicam o estado de espírito do grupo, ao fazer a descoberta: Nirvana, Jardim do Éden, Golpe Final.

Chegar lá só foi possível "graças à nossa saudável irresponsabilidade, na época", conta Clayton Ferreira Lino. Ele estava entre os 12 participantes - 6 mulheres, 5 homens e um ratinho branco - da Operação Tatus. O grupo permaneceu durante 15 dias dentro da caverna, num experimento de comportamento e do ciclo vigília-sono. "Só chegamos ao Taqueupa graças ao experimento e porque éramos loucos o bastante para subir aqueles paredões na base da unha e dente, numa escalada bem exposta", diz. Sem saber quando era dia ou noite, eles fizeram ciclos de 30 horas de vigília por 15 horas de sono e o Taqueupa só foi descoberto no penúltimo dia de permanência.

Hoje o acesso melhorou, com pinos fixos para a escalada, mas chegar lá continua sendo difícil, mesmo para quem é experiente. E a visitação é rigorosamente controlada pela Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE) e pelo Instituto Florestal (IF), para evitar a perda das formações únicas e impagáveis.

LIANA JOHN



FLOR DE ARAGONITA

FLOR DE CALCITA